

#museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 31 - mai. 2025

Editorial

O percurso de Palmela pelo Poder Local Democrático foi-se construindo num processo de proximidade com a população, que representa e que defende, sendo fiel depositário do seu património coletivo. Hoje, o Poder Local é absolutamente determinante na vida das pessoas. Além de respostas e serviços básicos para o quotidiano, compete-lhe proporcionar qualidade de vida, ser motor de desenvolvimento e coesão social e territorial, assim como salvaguardar o património e a identidade, contribuindo para a sua dinamização cultural. Uma frase curta para o tanto que encerra.

Neste número, falamos de Poder Local por evocação do Salão Nobre nos Paços do Concelho, inaugurado em novembro de 2024, após obras de restauro. De uma beleza singular, caso único no país pelas pinturas que o revestem e símbolo da nossa autonomia, este é um espaço visitável, que recebeu, nos últimos meses, diversas escolas do Concelho.

Mas falamos, também, de Poder Local em cada artigo que aborda o património cultural, enquanto herança coletiva, e através do trabalho desenvolvido em prol da sua salvaguarda e conhecimento. As Reservas Museológicas são essenciais na concretização desta missão. Instaladas, desde 2008, na antiga Escola Primária de Aires, são uma estrutura nuclear e obrigatória, segundo a Lei Quadro dos Museus, espaço onde habitam as coleções que não estão em exposição.

Damos conta, igualmente, neste número, do resultado das prospeções arqueológicas realizadas na Avenida dos Cavaleiros da Ordem de Santiago e Espada, no acesso ao Castelo, em zona de Arrabalde. A intervenção teve como objetivo diagnosticar a ocorrência de eventuais vestígios arqueológicos para além da área que se conhece do sítio arqueológico da Rua de Nenhures, que comporta 30 silos, estruturas que remontam ao século XII, escavadas na rocha, que serviriam essencialmente para a armazenagem de cereal.

Apresentamos, ainda, um estudo que nos orienta na leitura da informação inscrita nos dois sinos da Igreja de Santiago do Castelo de Palmela, e um último texto, inédito, do escritor Bruno Vieira Amaral, resultado da apresentação que fez no âmbito da Mostra España 2024, realizada no dia 11 de outubro, no Cine-Teatro S. João, em Palmela.

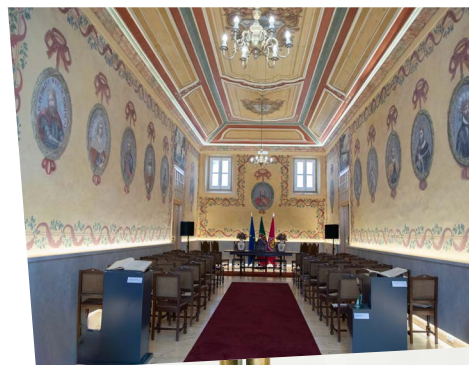
Em suplemento, partilhamos o novo programa Pedagógico do Serviço Educativo do Museu e Biblioteca 2025/2026. Este programa é dirigido, sobretudo, à Comunidade Educativa do Concelho e propõe um largo leque de atividades e projetos, onde também constam propostas para famílias e público em geral, e uma multiplicidade de recursos pedagógicos para uso em sala de aula, biblioteca ou em casa. Os projetos pontuais ou de continuidade que se realizam são desenvolvidos tendo em conta as necessidades ou oportunidades que a equipa vai registando no seu contacto com os públicos, procurando ir ao encontro das suas expectativas.

O primeiro quarto de século tem sido um período de grandes mudanças e desafios mundiais. Os Quatro Pilares da Educação para o século XXI - «aprender a conhecer, fazer, conviver e ser» – são absolutamente relevantes e indispensáveis. Adotamos e adaptamos, por esta razão, o tema do ICOM (Internacional Council of Museums) de 2026 como tema para o nosso programa pedagógico 2025/2026: «Museus e Bibliotecas unem um mundo dividido».

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



A RESERVA MUSEOLÓGICA DE AIRES

Criado em 1986, o Museu Municipal de Palmela tem como missão “[...] ser um museu reconhecido pela comunidade local, assim como por quem o visita, como um espaço cultural acessível, inclusivo e inspirador, que interpreta o território e o mundo por meio da salvaguarda do património, da sua exposição e dinamização.” (Regulamento do Museu Municipal de Palmela, 2023). Mais do que um mero espaço para expor peças, o Museu é reconhecido pelo seu papel na salvaguarda da Herança Cultural da Comunidade, com uma ação fundamental na preservação das suas coleções, mas também enquanto espaço de educação, reflexão e conhecimento (Mairesse, 2024).

Atualmente, o Museu Municipal de Palmela detém diversos espaços, desde as exposições permanentes - Galerias do Castelo de Palmela, Espaço de Transmissões Militares e o Museu “A Estação” - mas também outros espaços onde são apresentadas exposições temporárias, como o “Espaço Cidadão” ou o Cineteatro de S. João. Todavia, como qualquer entidade museológica, o Museu Municipal de Palmela detém gabinetes de trabalho, salas de tratamento de espólio e espaços de reservas, onde as peças que não estão em exposição se encontram devidamente acondicionadas e protegidas.

Com efeito, um Museu não existe sem um espaço de reservas, pois tendo em conta a extensão das diversas coleções existentes, não é possível expor todas as peças numa exposição de longa duração. Não obstante, as peças que se encontram em reserva, independentemente da sua qualidade, possuem a mesma importância museológica das que estão em exposição.

Enquanto espaço de reservas do Museu Municipal de Palmela, a Reserva Museológica de Aires foi criada em 2008, no âmbito da elaboração do Programa Museológico do Museu, visando a incorporação e conservação preventiva dos acervos, neste caso específico, as coleções de Etnologia. Saliente-se que a existência de reservas museológicas devidamente organizadas é obrigatória, de acordo com a Lei Quadro dos Museus Portugueses.

A Reserva Museológica de Aires está instalada, desde a sua criação, na antiga Escola Primária de Aires, um edifício de meados do século XX, edificado no âmbito do chamado Plano dos Centenários de construção intensiva de Escolas Primárias, levado a cabo em 1940, para celebrar o duplo Centenário da Independência e da Restauração de Portugal (Féteira, 2013). Detém uma área total de ocupação de acervos de, aproximadamente, 240m² e presentemente acolhe artefactos da cultura material. Entre as coleções em reserva salientamos a coleção “Escola Pública”, com 165 peças da antiga Escola Primária de Aires; a coleção “Casa Caramela”, constituída essencialmente por peças de uma habitação tradicional, doadas por António Piçarra, em nome da antiga proprietária, Maria de Jesus (1910 - 1995), sua tia materna, com um acervo de 280 peças (Sampaio, 2005; Sampaio, 2005a), ou a coleção Ferreiro Faria, atualmente em depósito, com 121 peças (Rosendo, 2007; Rosendo, 2008). Em suma: no total, a reserva de Aires acolhe mais de 1000 peças, de diferentes origens, morfologias, tipologias, materiais, tamanhos ou até de diferentes estados de conservação. Estas peças, que fazem parte de diferentes coleções, provêm de distintas áreas geográficas do Concelho de Palmela e são elementos identitários de uma Cultura e de um Território – o do Concelho de Palmela.

Trata-se de um património cultural inestimável, pois constitui a memória das gentes do Concelho de Palmela, possibilitando a sua salvaguarda e preservação e oportuno estudo, difusão e exposição. Assim, enquanto polo do Museu Municipal de Palmela, a reserva de Aires detém a maior relevância, pois constitui uma parte efetiva/estruturante do Museu. Com efeito, todas as peças em reserva têm potencial expositivo, podendo integrar exposições temporárias de temáticas diversas, a cargo do Museu Municipal ou mesmo de outros Museus e coleções, mediante empréstimos e os desejáveis intercâmbios inter-museus.

É intenção do Município de Palmela abrir as reservas ao público, com o agendamento de visitas guiadas e oficinas pedagógicas, onde se irão realizar atividades nomeadamente para o público escolar, relacionadas com o acervo da reserva museológica de Aires. Assim, os alunos poderão visitar a reconstituição museográfica de uma antiga Escola Primária do Estado Novo – a Escola dos seus avós e dos seus bisavós! - mas também realizar atividades pedagógicas como a “Oficina de Iluminuras”, numa sala especialmente preparada para o efeito.

Vitor Pereira
(Museu Municipal de Palmela)

Bibliografia:

FÉTEIRA, João Pedro (2013) – *O Plano dos Centenários – As Escolas Primárias (1941 – 1956)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
MAIRESSE, François (2024) - *Museum Storage around the World*. ICOM (https://icom.museum/wp-content/uploads/2024/05/Report_ICOM-STORAGE_EN_Final-ok.pdf)
ROSENDO, Maria Teresa (2007) – “Ferreiro Faria entre ferro e fogo. Da coleção à exposição (1.ª parte)”, in *Boletim +museu*, 8. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 2-6.
ROSENDO, Maria Teresa (2008) – “Ferreiro Faria entre ferro e fogo. Da coleção à exposição (2.ª parte)”, in *Boletim +museu*, 9. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 3-8.
SAMPAIO, Teresa (2005) – “Memórias do habitar – Arquitetura e Vivência Caramelas (1ª parte)”, in *Boletim +Museu*, 4. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 2-9.
SAMPAIO, Teresa (2005a) – “Memórias do habitar – Arquitetura e Vivência Caramelas (2ª parte)”, in *Boletim +Museu*, 5. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 2-5.
https://www.cm-palmela.pt/cmpalmela/uploads/document/file/18990/regulamento_do_museu_municipal_de_palmela.pdf



Figura 1 - Antiga Escola Primária de Aires: fachada principal



Figura 2 - Ebullioscópio, datado de 1920, da coleção de Vitivinicultura (inv. 2005.04.124). Imagem de Bruno Damas



Figura 3 - Javaradeira, da primeira metade do século XX, da coleção de Tanoaria (inv. 2011.04.922). Imagem de Bruno Damas



Figura 4 - Serrote, de meados do século XX, da coleção de Vitivinicultura (inv. 2007.04.375). Imagem de Bruno Damas



Figura 5 - Caixa de Cubo (material Froebeliano), de meados do século XX, da Coleção Escola Primária (inv. 2022.03.1791). Imagem de Bruno Damas

O SALÃO NOBRE DA CASA DA CÂMARA DE PALMELA

No dia 1 de novembro de 2024, no âmbito das Comemorações do Dia da Restauração do Concelho de Palmela, foi inaugurado o Salão Nobre dos Paços do Concelho, após ter estado encerrado temporariamente para obras de restauro.



Desde finais da Idade Média que o país se estruturou por concelhos, como forma de organização municipal. *«O ponto de partida é o Concilium, a assembleia de vizinhos de uma povoação reunida para tratar dos seus interesses comuns. Isto pressupõe uma povoação de homens livres, que têm que resolver os seus problemas pelos próprios meios.»* (CAETANO, p. 59, 2011) Os chamados Homens-bons estavam disponíveis para tratar da coisa pública.

Em meados do século XV, já competia aos Vereadores zelarem pelos bens do concelho, assim como providenciarem as obras públicas como a reparação de fontes, chafarizes, pontes e calçadas.

As Casas da Câmara são os edifícios que melhor refletem este percurso. A partir de meados do século XVI, começaram a surgir estes elementos arquitetónicos que tinham como finalidade acolher as reuniões das assembleias de Homens-bons.

Dessa época, implantada no topo do Largo do Município, encontramos a Casa da Câmara de Palmela. Aqui se achavam *«as casas da cadeia, enxovia, salas livres para homens e mulheres, casas de habitação do carcereiro e sua família, um belo açougue, quartel militar e casa de roda para expostos, que se acha colocada no mais oculto lugar, atrás do mencionado edifício dos paços do Concelho»*¹.



¹ In Monografia de Palmela, nº 3, p. 62, citada in «Importância ou projecção social do Salão Nobre» da casa da câmara de Palmela, Documento técnico interno da Câmara Municipal de Palmela.

Parcialmente reconstruída na segunda metade do século XVIII, provavelmente consequência do Terramoto de 1755, tem planta retangular e possui, no piso térreo, uma arcada monumental tardo-quinhentista. No segundo registo, três panos divididos por pilastras, com quatro vãos de decoração, dois deles no pano central a ladearem um brasão joanino.

O brasão apresenta peças de distintos materiais e cronologias, sendo o elemento central o brasão de armas da Vila de Palmela, esculpido em mármore branco, em baixo-relevo, de pedra retangular. No século XIX, foi acrescentado sobre este o brasão das Armas Reais Portuguesas, rematado por coroa fechada e ladeada por ramos de oliveira e sobreiro, sob os quais estão representados uma palma e a Cruz da Ordem de Santiago, dado a presença secular da Ordem no território.

O acesso ao piso superior é feito através de uma escadaria monumental, com guardas de ferro, que culminam numa varanda imponente. A poente, o campanário e o respetivo sino que marcava, de forma absoluta, a presença do poder local. Era por ele que se convocava a população para reuniões, assinalava a passagem das horas, anunciava a abertura e o encerramento dos serviços públicos.

O corpo central do segundo piso, também de planta retangular longitudinal, terá albergado a câmara das vereações e espaços residenciais para Juizes de Fora, Corregedores ou Ouvidores da Ordem de Santiago. Era também aqui que estaria guardada toda a documentação.

Após a extinção do Concelho, em 1855, no âmbito do chamado processo de «Arredondamento dos Concelhos», o edifício foi ocupado pela Guarda Nacional Republicana e, no registo inferior, instaladas abegoarias.

Foi a 1 de novembro de 1926, com a Restauração do Concelho, que o edifício voltou à sua função primordial, que mantém.

Centremo-nos na sala do Salão Nobre, objeto deste texto, situada no segundo piso, que originalmente tinha a função de Sala de Audiência (antigo Tribunal).

O teto é evocado como um dos mais belos tetos de audiências portuguesas setecentistas. De masseira de madeira, refeito após o Terramoto de 1755, integra as armas da Ordem de Santiago, mais uma vez assinalando a presença da Ordem em Palmela, numa clara evocação do seu poder no território.



É de assinalar, não só a excecional decoração do teto, como o facto desta decoração ser a única que se conhece de uma sala de audiências a nível nacional, por aí habitar uma imprevisível galeria de retratos de reis de Portugal. Tratam-se de pinturas murais pós pombalinas que assinalam as 1.^a e 2.^a Dinastias (de D. Afonso Henriques a D. Manuel I). Cada pintura está legendada em maiúsculas latinas de grande formato, envoltas em grandes medalhões ovais dentro de cercaduras vegetalistas constituídas por coroas monocromáticas de loureiro.



Seguindo a ordem cronológica dos reis de Portugal, aqui precedida pela representação da figura do Conde D. Henrique, observam-se na parede da direita: *D. Afonso I. Rey de Portugal*; D. Sancho I; D. Afonso II; D. Sancho II; D. Afonso III e D. Dinis. Na parede oposta, simetricamente representados: D. Afonso IV; D. Pedro I; D. Fernando; D. João I; D. Duarte; D. Afonso V e D. João II. Ao fundo o retrato de *D. Manoel I. Rey de Portugal* com a esfera armilar. Considera-se que, pela beleza e veracidade do detalhe dos retratos, terão como fonte a obra «O elogio dos Reis de Portugal», de Frei Bernardo de Brito, de 1603 (Caetano, 2011: 663).

Foi aventada a possibilidade de ter existido um retrato de D. Carlos, assim como uma segunda sala que teria os retratos dos restantes reis até D. Maria I, suprimidos numa intervenção de restauro do século XX.

Na década de 50 do século passado, a sala foi repintada por José Bernard Guedes.

As pinturas da outrora sala de audiência levantam profundas e complexas dificuldades de conservação, de que se destaca a colonização biológica, a sujidade acumulada, os repintes vários que resultaram em camadas sucessivas de vários tipos de tinta, assim como os salitres provocados pela humidade. Coube à empresa In Situ os mais recentes trabalhos de restauro, que permitiram a inauguração do espaço. Hoje, já não se realizam neste local as reuniões de câmara, que têm uma necessidade logística e mais complexa associada, cabendo-lhe acolher atos protocolares e ser espaço de visitas orientadas. Nos últimos meses várias escolas por aqui passaram para conhecer mais sobre a história deste território, do edifício e do Poder Local.

Teresa Sampaio
(Museu Municipal de Palmela)

Bibliografia:

CAETANO, Carlos- «As casas da câmara dos concelhos portugueses e a monumentalização do poder local (Séculos XIV a XVIII)» Dissertação de Doutoramento em História da Arte Moderna, Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Portugal, 2011.

Rosendo, M.T. (coord.) et al. — «Patrimónios. Centro Histórico da Vila de Palmela. Roteiro de Exposição», Palmela: Câmara Municipal/ Museu Municipal, 2010.

SERRÃO, Vitor, MECO, José- «Palmela Histórico-Artística – Um Inventário do Património Artístico Concelhio», Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, Lisboa/ Palmela, 2007.

NOVOS DADOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA RUA DE NENHURES

Entre final de novembro e início de dezembro de 2024, arqueólogos do Museu Municipal de Palmela procederam à abertura de duas sondagens arqueológicas de diagnóstico, numa bolsa de estacionamento localizada na Av. dos Cavaleiros da Ordem de Santiago, em pleno Centro Histórico de Palmela, abrangido pela servidão administrativa da Zona Especial de Proteção Conjunta dos Monumentos Nacionais do Castelo, Igreja de Santiago e Pelourinho de Palmela (Portaria n.º 62/2010, publicada em DR, 2.ª Série, n.º 12, de 19 de janeiro).

A intervenção teve como objetivo diagnosticar a ocorrência de eventuais vestígios arqueológicos, que poderiam expandir-se para além da área que se conhece do sítio arqueológico da Rua de Nenhores. Este sítio foi descoberto em 1988, aquando da construção do depósito de água. Posteriores intervenções, decorridas a partir de 2003, possibilitaram identificar um rico conjunto arqueológico, composto por uma eventual cisterna, um compartimento habitacional que remonta certamente ao séc. XIV, com posteriores reedificações na Idade Moderna. Contudo, o principal destaque foca-se numa área de armazenamento de produtos alimentares, composto por 30 silos, que remonta ao séc. XII, constituindo o primeiro conjunto deste tipo de estruturas descoberto em Palmela, fora do perímetro muralhado do castelo¹.

Estas estruturas, escavadas diretamente na base geológica, apresentam na sua generalidade uma forma tendencialmente esférica, semelhante a uma 'gota', serviriam essencialmente para a armazenagem de cereal, daí também serem designadas por 'covas de ter pão'. Esta prática generalizou-se sobretudo no sul da península, em resultado da herança legada pelo al-Andalus, ou seja, o território peninsular do Islão. O cereal poderia permanecer no seu interior durante alguns anos, mantendo-se em perfeitas condições para consumo, contribuindo para tal o emprego de algumas técnicas para minimizar os efeitos da humidade, como a aplicação prévia de uma forra de palha no seu interior e a selagem da boca à entrada de água.

Os primeiros silos a serem descobertos em Palmela foram precisamente no interior do Castelo, alguns de grandes dimensões (um deles com uma profundidade de 4 m e diâmetro máximo de igual dimensão), ou seja, capacitados para conterem mantimentos suficientes e sustentarem uma população que aqui se refugiava durante algum tempo, numa situação de cerco inimigo.

O conjunto da Rua de Nenhores localiza-se numa parcela entre esta rua e a Av. dos Cavaleiros da Ordem de Santiago, delimitado a sul por um muro de alvenaria, que regulariza por patamares o terreno urbano numa zona particularmente acidentada. Esse muro ruiu parcialmente em dezembro de 2020, pelo que, para a sua reconstrução, e face ao potencial arqueológico confirmado no local, houve necessidade de se proceder à abertura das referidas sondagens arqueológicas de diagnóstico, localizadas num patamar superior em relação à parcela onde se encontram os silos, do outro lado do muro, na Av. dos Cavaleiros da Ordem de Santiago.

Das duas sondagens, com 2 x 2 m² cada, foi possível identificar numa delas pelo menos três silos, um deles escavado arqueologicamente quase na íntegra, confirmando-se que a mesma bateria de silos se prolonga para sul, acompanhando em ascensão o declive rochoso.

Com esta leitura, justifica-se que futuramente seja efetuado o acompanhamento, a escavação e o respetivo registo das estruturas arqueológicas que surjam no decurso da empreitada de construção do novo muro. Esses vestígios serão ocultados e, se necessário, desmontados para a implantação desse muro, ficando garantida a salvaguarda da informação através do registo arqueológico. As restantes estruturas arqueológicas do sítio da Rua de Nenhores, resultantes de anteriores escavações, ficarão novamente visíveis, visitáveis e valorizadas, agora com uma nova perspetiva, a partir do topo do muro, na Av. dos Cavaleiros da Ordem de Santiago.

À semelhança da maioria dos silos escavados a partir de 2003, o silo escavado nesta sondagem (e segundo uma leitura ainda preliminar), perdeu a sua utilidade na viragem da Idade Média para a Época Moderna, do séc. XV para o séc. XVI, o que é possivelmente justificável pela criação do celeiro comum. Sobretudo a partir deste período, os silos assumem o papel de lixeiras, para dentro dos quais era remessado aquilo que resultava em desperdício da vida quotidiana. Assim, é comum encontrarmos carvões e cinzas da combustão de lareiras, restos de alimentação, (maioritariamente constituídos por restos osteológicos de fauna, restos piscícolas ou de bivalves), loiça comum partida, entulho resultante de demolições, etc.

Este fenómeno está arqueologicamente comprovado noutras localidades, para este mesmo período. Em Évora, a constante valorização do preço do trigo degenerou em grande insegurança, levando a que muitos silos deixassem de funcionar em espaço público. Por outro lado, deixava de fazer sentido manter esta base económica na esfera da autossustentabilidade familiar. A criação do celeiro comum foi uma das medidas implementadas na tentativa de estabilizar a oscilação dos preços do cereal. A partir do séc. XVI, a documentação escrita deixa de fazer referência a este tipo de estrutura de armazenamento.

Miguel Correia
Vitor Pereira
(Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela)

¹ A Intervenção arqueológica de 1988 foi dirigida por Isabel Cristina Fernandes; as realizadas a partir de 2003 tiveram a direção de Isabel Cristina Fernandes e Michelle Teixeira Santos.



Figura 1 - Implantação das sondagens em relação aos restantes vestígios



Figura 2 - Silo na sondagem 1

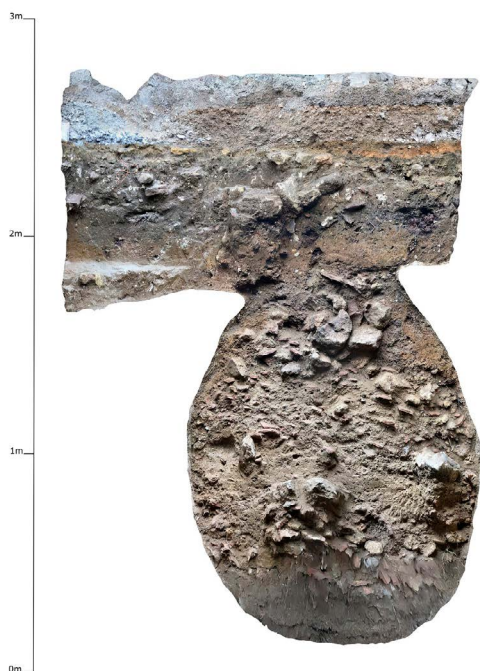


Figura 3 - Ortofoto do silo, na sondagem 1



Figura 4 - Sondagem 2. Ortofoto do plano final

Bibliografia:

- CORREIA, M. (2007/2008) – “Um conjunto de silos do final da Idade Média, na Rua Cândido dos Reis- Évora”, A Cidade de Évora, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, II Série, n.º 7, pp. 237-258
- FERNANDES, I. C. F. (2004)- O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão, Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T., coord. (2008)- Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências e Poderes. Catálogo de Exposição. Palmela: Câmara Municipal.
- FERNANDES, I. C. F. (2012) – “Palmela Medieval e Moderna: a leitura arqueológica”, in FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T. (coord.) Palmela Arqueológica no contexto da região interstuarina Sado-Tejo, Palmela: Município de Palmela, pp. 111-132.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997) – “Intervenção Arqueológica na Rua de Nenhores (Palmela)”, Setúbal Arqueológica. Vol. 11-12. Actas do Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste, Setúbal, p. 279-295.
- FERNANDES, I. C. F.; SANTOS, M. T.; CORREIA, M.; PEREIRA, V. (2024) – “À sombra do Castelo de Palmela: a ocupação medieval da Rua de Nenhores”, +Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela, nº30, Câmara Municipal de Palmela, pp. 8-12.
- SANTOS, M. T. (2012) – “Arqueologia Urbana em Palmela. Balanço das Intervenções de 2009-2012”, +Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela, nº15, Câmara Municipal de Palmela, pp.2-7.
- SANTOS, M. T. e NUNES, J. (2012) – “Resultados da intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Centro Histórico de Palmela)”, +Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela, nº16, Câmara Municipal de Palmela, pp.2-7.

OS DOIS SINOS DA IGREJA DE SANTIAGO, DO CASTELO DE PALMELA

Introdução

A partir de 1402, após a atribuição da bula *In Apostolica Dignitates Speculas* pelo papa Martinho V, o mestrado da Ordem de Santiago passou a beneficiar da concessão de bens da Coroa. É nesta altura que assistimos à transferência definitiva da sede da Ordem de Alcácer do Sal para Palmela, tendo aqui permanecido até à sua extinção, em 1834. O impulso desta nova conjuntura justificou o incremento de um novo fulgor construtivo, o qual deixou marcas na arquitetura subjacente no interior das muralhas do castelo, mas também no próprio burgo.

Talvez o edifício mais emblemático deste período seja a Igreja de Santiago, construído pelos freires cavaleiros, com início da construção em 5 de maio de 1443, sob o mestrado do infante D. João, filho de D. João I.

O templo de três naves, erigido com calcário da região, prima por um estilo gótico profundamente austero, em detrimento do gótico flamejante batalhino, respeitando o gosto dos cavaleiros das Ordens santiagoista, caracterizado por um profundo despojo decorativo, onde sobressaem os longos pilares e paredes lisas. A frontaria do templo respeita a mesma simplicidade, com um portal gótico ogival, de quatro finos colunelos sem capitéis, inscrito num gablete rectangular. Uma pequena vieira é o único elemento decorativo quase imperceptível, esculpida na base de um dos colunelos. No topo abre-se o óculo moldurado por perfil idêntico ao formado pelos colunelos do pórtico. Na ala esquerda, ergue-se uma torre sineira de planta rectangular com uma abertura para o adro da fachada, voltado a Oeste e outras duas aberturas voltadas para o lado Norte. Logo abaixo da torre sineira e neste mesmo alçado, um mostrador em azulejo permite a leitura das horas, accionadas por meio de um relógio fabricado pelo mestre de Liège, Henri Rossius, datado de 1752, e ainda em pleno funcionamento.

Posterioridades adaptações marcaram no espaço diferentes linguagens de outros estilos, com especial destaque para as obras implementadas por D. Jorge, filho bastardo de D. João II, último mestre da Ordem. Na época manuelina-joanina a capela-mor foi ampliada, foi erigido o coro alto e o arcossólio manuelino onde se encontra a arca tumular do referido mestre. Na última década de 40, obras da antiga Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ditaram a reposição das originais linhas medievais, sacrificando-se algumas das construções feitas ao longo da história do edifício (SERRÃO & MECO, 2007: 128 – 152).

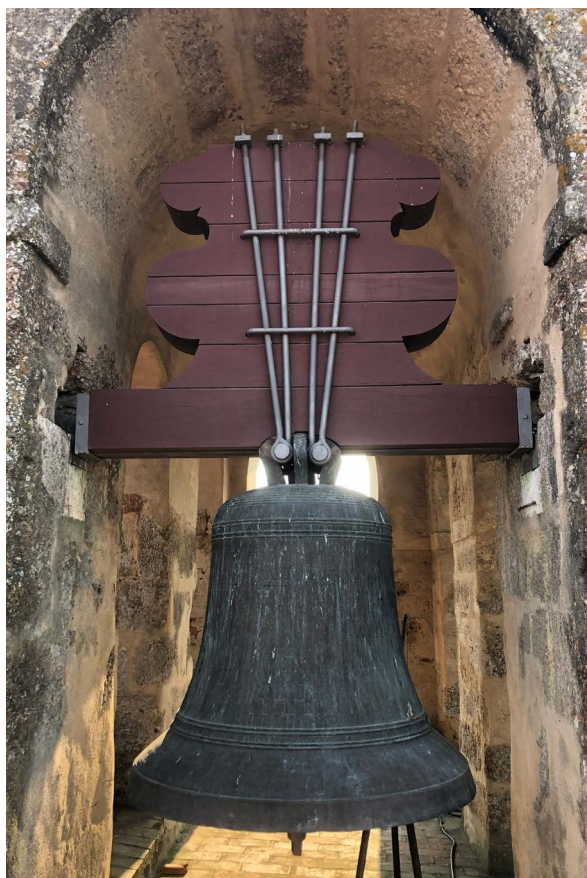


Os sinos

Foquemo-nos novamente na torre sineira, a qual albergava dois grandes sinos de bronze, os quais passamos a descrever detalhadamente:

Sino 1

Este sino encontra-se na torre sineira a desempenhar ainda o propósito da sua função, pautando diariamente as horas à população da vila de Palmela. Tem uma altura de 128 cm e um diâmetro máximo de 128 cm. Encontra-se decorado com uma grande cruz a ocupar praticamente toda a altura da cintura, entre a linha de texto da moldura superior, junto do ombro, e a linha de texto da moldura inferior, na ligação com o arco de som. Oposto à referida cruz encontra-se uma pequena representação de Santiago e da espada da mesma Ordem.



Sino 1

Transcrição das inscrições, com desdobramentos:
Moldura superior
IN . CÆLO . SIGNVM . MAGNVN . APARVIT

Moldura inferior
REFUNDIDO EM 1946 NA FUNDIÇÃO DE SINOS
DE RIO TINTO DE L. M. COSTA . PORTO . BERNARDVS .
PADIERNE . ME FECIT ANNO DomiNI 1673

Proposta de tradução:
Moldura superior
Apareci no céu como um grande sinal

Moldura inferior
*Refundido em 1946 na fundição de sinos de Rio Tinto
de L. M. Costa . Porto . Bernardo Paderne fez-me no ano do
Senhor de 1673.*

Trata-se de um sino datado de 1673, fundido por Bernardo (de) Paderne, que foi refundido em 1946, na Fundição de Sinos de Rio Tinto, por Laurentino Martins da Costa, encomendado pela então Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. A actividade deste mestre foi abordada por Luís Sebastian (SEBASTIAN 2008: 178-179), e este sino em particular por Diana Felícia Pinto (PINTO 2019: 52-54). É interessante referir a preocupação que Laurentino Martins da Costa evidenciou ao registar as legendas do primitivo sino seiscentista, transcrevendo a inscrição da moldura superior (IN . CÆLO . SIGNVM . MAGNVN . APARVI) e a epígrafe da moldura inferior (BERNARDVS . PADIERNE . ME FECIT ANNO DomiNI 1673), evitando, assim, que se perdesse a informação histórica.

Sino 2

Este sino encontra-se estalado, motivo que justificou o seu abandono. Permaneceu no interior do campanário, até recentemente ter sido apeado para o adro defronte da igreja, passando a ser mais bem apreciado por quem visita a Igreja de Santiago. Tem uma altura de 130 cm e um diâmetro máximo de 118 cm. À semelhança do sino anterior, apresenta uma grande cruz, mas com mais detalhe decorativo, a ocupar toda a altura da cintura, entre a linha de texto da moldura superior e a linha de texto da moldura central. Esta moldura central faz a cisão entre a cintura e o arco de som, e abaixo, no limite do arco de som com a boca, encontra-se a moldura inferior.

No lado oposto à cruz encontra-se uma espada de Santiago, delimitada no topo e nos lados por três vieiras.

Transcrição das inscrições, com desdobramentos:

Moldura superior

1/ Deo Optimo Maximo

2/ DIVino . IACOBō . ZEBEDeo . CHRISTi . APOSTolo . ET . HISPANIAe . PATRONō . AMABILISSIMO . D . IOANI . THEODosio . CORDeiro . PEReira . PRIORI . MAGNo .

3/ D . IOSEPHo . I^o . PORTVGaliae . REGi . FIDeli . AC . MAGNo . ORDinis . MAGistro . 1768 . PETRVS . ANTonius . ACAMINO ME FECID [sic] . VERBum . CARo . FACTum . EST . ET . HABITauit

4/ IN NOBis

Moldura central

5/ + CHRISTVS . NOBISCum . EST . STATE . SANCTus . Deus . SANCTus . FORTis . SANCTus . IMMORTALis . ECCE . CHRVCem . DOMini . FVGITe . PARTes . ADVERSae . VIXIT . LEO . DE TRIBu . IVDae . RADix . DAVID . ALELuia . ALELuia .

6/ MISEREre . NOBis . QVIS . SICVT . DomiNVS . DEVS . NOSTer . QVI . IN . ALTo . HABITat . ET . HVMiles . RESPicit . IN . TERRA . MAGNIFicat . ANIMa . MEA . DomiNVM . MATer . SALVatoris . ORa . PRO . NOBis . SALVATor . MVNDi . SALVa .

7/ NOS

Moldura inferior

8/ VNō . TRINō . Que . DomiNO . SIT SEMPiterna . GLORia . QVI . VITam . SINE . TERMinō . NOBis . DONabit . IN . PATRIA . AMEN . VISITavit . NOS . PER . S . SVM . APOSTolum . ET . FECit . SALvos . EX . INIMicis . NOSTris . DomiNVS . Deus . NOSTer . ORA . PRO . NOBis . Beate . IACOBē . VT . DIGNi . EFFICIamur . PROMissionibus . CHRISTi .

Em texto corrido

Deo Optimo Maximo. Divino Iacobo Zebedeo, Christi Apostolo et Hispaniae Patrono. Amabilissimo D. Ioani Theodosio Cordeiro Pereira Priori Magno.

D . Iosepho I^o Portugaliae Regi Fideli ac Magno Ordinis Magistro . 1768 . Petrus Antonius Acamino me fecit. Verbum Carens Factum est et Habitus in Nobis.

+ Christus nobiscum est state. Sancte Deus, sancte fortis, sancte immortalis. Ecce Chrucem Domini. Fugite partes adversae. Vixit Leo de tribus Iudae radice Davidis. Aleluia, Aleluia!

Miserere nobis. Quis sicut Dominus Deus noster qui in alto habitat et humiles respicit in Terra? Magnificat anima mea. Dominum Mater Salvatoris, ora pro nobis. Salvator Mundi, salva nos.

Uno trino que Domino sit sempiterna gloria qui vitam sine termino nobis donabit in Patria, Amen. Visitavit nos per suum Apostolum et fecit salvos ex inimicis nostris Dominus Deus noster. Ora pro nobis Beate Iacobe ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Proposta de tradução:

Moldura superior

A Deus Ótimo Máximo

Ao divino Tiago Zebedeu, apóstolo de Cristo e patrono da Hispânia, ao amabilíssimo D. João Teodósio Cordeiro Pereira, Prior Mor e a D. José 1.º, rei Fiel de Portugal e Grão Mestre da Ordem. Pedro António Acamino fez-me em 1768

Moldura central:

Cristo está connosco. Permanecei firmes. Santo Deus, Santo Forte, Santo imortal, Eis a cruz do Senhor. Fugam inimigos. O leão da tribo de Judá, raiz de David, venceu, aleluia, aleluia.

Tende piedade de nós. Quem como o nosso Deus que habita no alto e olha pelos humildes na terra? A minha alma enaltece o Senhor. Mãe do Salvador, ora por nós! Salvador do mundo, salva-nos!

Moldura inferior

Ao Senhor, Uno e Trino, que nos salvou dos nossos inimigos e nos dará uma vida sem fim na Pátria, seja dada sempre glória, amen. O Senhor nosso Deus visitou-nos pelo seu Apóstolo São Tiago, ora por nós, para que nos tornemos dignos das promessas de Cristo.



Sino 2 - pormenor



Sino 2 (apeado)



Sino 2 - pormenor

Conclusão

Ambos os sinos deverão ter tido uma utilização simultânea. Para além do sino 1, a torre sineira tem os negativos onde assentava o sino 2. É bem provável que em determinado momento, talvez após a extinção das ordens religiosas, ambos os sinos tenham ficado inutilizados.

O sino 1 foi refundido em 1946, havendo a possibilidade de perda de parte da informação inscrita no original. De qualquer modo respeitaram a frase da moldura superior, e na moldura inferior mantiveram o nome do artesão (Bernardo Paderne) e o ano da sua primeira fundição (1673). A decoração da Grande Cruz, de Santiago e da espada da Ordem são elementos que foram igualmente reaproveitados. Esta acção, sequencial às intervenções da antiga D. G. E. M. N., justifica a necessidade de repor o sinal sonoro do horário à população de Palmela.

O sino 2 resulta de uma encomenda feita 95 anos após o fabrico do sino 1, em 1768, encomenda essa feita pelo então prior-mor da Ordem, D. João Teodósio Cordeiro Pereira. É escassa a documentação existente sobre os priorados a partir de meados do séc. XVIII. Apenas dois documentos permitem saber que o mesmo desempenhou essa função entre 1759 e 1770 (FORTUNA, 1994: 120).

Por último, um destes sinos será certamente o protagonista de uma história popular, contada pelos mais idosos de Palmela. Consta que nos tempos de declínio da Ordem de Santiago, um governante mandou retirar o melhor dos dois sinos para uma igreja em Lisboa. O sino foi apeado e ainda pelo caminho descendente em direcção à Moita, o carro atascou e nem com três juntas de bois conseguiram prosseguir viagem. No domingo seguinte, o pároco de então contou o sucedido na missa, o que motivou uma grande indignação da população. Em resposta, facilmente inverteram o caminho do carro e com menos animais conseguiram ascender até ao castelo e recolocaram o sino no local original. Tal acontecimento reveste-se já com um certo colorido de lenda, embora João Almeida Carvalho, historiador setubalense do séc. XIX, o relate em breves linhas, descrevendo-o como factual (FORTUNA, 1989: 65-70).

António Correia
(Ex-pároco de Palmela, professor de latim aposentado)
Miguel Correia
(Arqueólogo, Museu Municipal de Palmela)

[Os autores foram livres de optar ou não pelo Acordo Ortográfico de 1990]

Bibliografia:

FORTUNA, António Matos (1989)- *Contava-se em terras de Palmela*, Coleção Estudos Locais n.º2, Câmara Municipal de Palmela
FORTUNA, António Matos (1994)- *Priores Mores do Real Convento, Provedores da Sta. Casa da Misericórdia de Palmela*, Misericórdia de Palmela
FELÍCIA, Diana (2019)- *De Campanis Fundentis - A fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto*, Relatório de 2º Ciclo de Estudos em História da Arte, Património e Cultura Visual, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
SEBASTIAN, Luís; et alii (2008)- *Subsídios para a História da fundição sineira em Portugal*. Coruche, Museu Municipal de Coruche
SERRÃO, Vítor & MECO, José (2007)- *Palmela Histórico-Artística, um inventário do património artístico concelhio*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela

PORTUGAL E ESPANHA, PELA MÃO DO ESCRITOR BRUNO VIEIRA AMARAL

[Texto inédito]

Quando, em Portugal, nos deitamos a pensar em Espanha, além dos proverbiais maus ventos que de lá vêm e dos casamentos pouco melhores que por lá se fazem, não há vez que não se conclua que vivemos de costas voltadas, tão perto e tão longe. Desconheço se os espanhóis falam dos ventos que daqui lhes chegam e dos casamentos inconvenientes, mas presumo que também os nossos vizinhos concordem com a ideia de que vivemos de costas voltadas, tão perto e tão longe. É este o grande consenso – será o único? – ibérico, um fatalismo meridional que nos une, como se a culpa desta curiosa posição fosse das montanhas e dos rios, da língua e da história, e não dos homens e das mulheres, de todos nós, que, de tão próximos, tão mal nos conhecemos.

É natural que os portugueses desconfiem do vizinho espaçoso que lhes calhou em sorte e que não lhe queiram dar a mão com medo de que lhe tome o braço ou ainda mais. É igualmente natural que, no geral, os espanhóis nos ignorem por pequenos e inofensivos, sossegados que estamos no nosso retângulo a duras penas conquistado. Quando calha dispensarem-nos alguma atenção, acham-nos curiosos, quase excêntricos, com o nosso caráter cismático e suicida, pensaros sem outra causa que não o próprio pesar que tanto nos pesa. Que Espanha não nos queira invadir, que não nos queiram dar guerra os espanhóis, só nos atija a melancolia, como se a indiferença do vizinho fosse o vento, o mau vento que de lá vem, que mantém vivas as brasas da nossa tristeza.

Quando os espanhóis não nos ouvem, lamentamos não ser tão extrovertidos quanto eles, tão festivos como os vemos – mas como ver aqueles com que vivemos de costas voltadas? – ou imaginamos. Assim que passamos a fronteira, despe-nos uma rajada de alegria que deixa à mostra a nossa miséria, a nossa tacanhez, as nossas vergonhas. E invejamo-los por falarem alto como gralhas, por viverem na rua e nas esplanadas, por espantarem os males, que com eles partilhámos, aos quais, ao contrário de nós, não se rendem. Os espanhóis, que também têm as suas tradições tétricas e tenebristas, gostam da vida e não o escondem. Nós, mesmo quando a vida nos apaixona, não ousamos confessar-lhe os sentimentos por temermos – e não sem toda a razão – não ser correspondidos. Uns são toureiros que enfrentam os touros em pontas. Outros, nós, somos os rabejadores da vida, sempre com medo da cornada fatal – que dificilmente o seria porque até à vida, para que não nos magoe, a embolamos.

Mas nem tudo é desgraça nisto, que é certo, de vivermos habitualmente de costas voltadas. Não só porque há abraços que sufocam e matam – o do urso, dizem – mas porque viver de costas redobra o prazer da descoberta quando finalmente nos atrevemos ou aventuramos a olhar para o outro lado e a visitar as suas terras. E se nem tudo aí é fascinante ou belo, é, pelo menos, verdadeiro, autêntico. Não o autêntico turístico, que se embala e etiqueta e com que se distraem os tolos, mas o autêntico da vida quotidiana, dos hábitos e dos costumes, da vida que acontece quando não a estamos a fotografar. A vida tediosa, dura, malsã. A vida áspera que fere, que forja e que, menos mal, fogue como um carro a desaparecer na curva de uma estrada sinuosa.

Bem-vindo seja, pois, o viajante vindo de Espanha, abastecido de cigarros e cadernos onde toma os seus apontamentos, regista o que vê e ouve e as impressões que lhe provocam as gentes e a paisagem, e ao qual chamaremos – para não repetirmos o nome que a si mesmo se dá, viajante – “raianauta”, aquele que navega as terras da raia, da fronteira, porque foi estas, e não outras, que ele decidiu visitar por filosofia, por apreciar os lugares remotos, comodidade, por lhe convirem os mais próximos, ou receio, como quem põe a ponta do pé na água para a experimentar. Acontece que, para quem vem de Espanha, Portugal é mais profundo à beirinha, na raia, e isso não tardou em descobrir o nosso raianauta, que além de tudo veio no pino do verão quando naquela terra de Trás-os-Montes o sol é mais inclemente e tudo parece arder na fornalha das três da tarde, dando aos lugares uma aparência infernal, inóspita, e às pessoas um aspeto adusto – bela palavra que deste livro retirei.

As pessoas. Confessa o raianauta que pouco interesse tem nos monumentos, embora visite alguns, mesmo que o não impressionem, e descreva outros tantos, com rigor e vocabulário rico, mesmo que para os rebaixar. O que lhe interessa são as pessoas, “esses homens e mulheres que conversam nas soleiras ou ocupam a manhã nas esplanadas dos cafés ou diante das montras das lojas.” E assim sendo, este leitor já se sente irmanado, ainda que em espírito, ao intrépido raianauta, pois nos lugares que visita sempre se detém mais nas pessoas, no que dizem e no que calam, até mais nesta última porque nem sempre entende a língua com que comunicam.

E é bom que este nuestro hermano tenha vindo em paz, munido de pena e não de espada, ao contrário dos seus antepassados, porque em vez de regressar a Espanha decepado ou por ali ficar caído a alimentar com o seu sangue um solo ressequido que o haveria de absorver sedento, oferece, também a nós e não apenas aos seus conterrâneos, um retrato inteiro das pessoas com que se cruza, compondo um painel mais humilde do que os de São Vicente mas não menos humano – e nos painéis atribuídos ao mestre Nuno Gonçalves também há figuras oriundas das paragens visitadas pelo nosso raianauta, pelo menos a acreditar nas propostas de alguns, que não todos, especialistas.

Quem são elas, as figuras desta procissão de cinco dias por Trás-os-Montes? A dona de uma loja em que tudo se vende e pouco se compra, Dona Maria Fernanda da Purificação Pires Teixeira, um mestre barbeiro dos que já não fazem sangrias como os seus antecessores de que herdaram o ofício e quem sabe os instrumentos, uma sacristã, dois miúdos com nome de apóstolos e um cão liliputiano com nome de gente, emigrantes que preferem as couves comidas na terra do que o lombo servido no estrangeiro, um burro “velho, tristíssimo e sonolento” que não é gente mas o raianauta julga ouvir – não será o burro parente da mula de Balaão de que fala a Bíblia? –, um Cristo – que, mesmo divino ou de pedra, ainda é gente pelo sangue que derramou pela humanidade – e que parece ter sido pintado pelo seu pior inimigo, um preto, o único que vê por Trás-os-Montes até encontrar Rita e Josefina já no final do seu périplo, uma mulher com barba, vendedores de fruta, raparigas bonitas e jovens que despertam entusiasmos

passageiros, os fumos dos incêndios semelhantes a demónios – e neste painel também há lugar para estes – um barqueiro, que não Caronte, que o conduz por águas menos sulfurosas que as do Estige, o plátano de Alijó – mais velho do que qualquer habitante e mais vivo do que muitos deles –, a porca de Murça e um menino que, por pouco, por ela não foi devorado, um seminarista que fala tão baixo que parece morto, um pintor obsessivo que ama a solidão, a pintar repetidamente a paisagem de Mogadouro como Cézanne pintava o Monte de Sainte-Victoire, uma tal Margarida Flores Afonso que tira água de um poço como se fazia nos tempos bíblicos – será ela também descendente de mulher de Samaria e confundirá o homem que conversa com ela com Jesus Cristo, um Nosso Senhor de Trás-os-Montes? – e, por último, os ferreiros de Carção, que poucas mulas e burros têm para ferrar.

E assim fica o leitor a conhecer mais do seu país e das suas gentes do que conseguiria pelos próprios meios, lamentando que tenha de vir um espanhol mostrar-lhe o que ele não sabe ver. É que tem razão o viajante espanhol, o nosso raianauta, quando diz que esta é uma terra que todos os portugueses cantam, mas que poucos conhecem porque, e esta é a verdade, amigo que me ouves, também nós andamos de costas voltadas uns para os outros, portugueses do litoral e portugueses do interior, e se cantamos muito a terra e se louvamos os que nela resistem e que a sofrem, é mais pelo contentamento de serem outros a resistir e outros a sofrer do que por orgulho que só a eles pertence, por direito e sacrifício. É mania nossa, esta a de tecermos loas à distância, de cantarmos os rostos graníticos que polvilham a paisagem, quando, na verdade, não estamos só de costas voltadas para Espanha, estamos de costas voltadas para a nossa terra e de olhos fechados para o mundo.

Para que não tenhamos de partir em viagem, para que não tenhamos nós de calcorrear o fim do mundo, as ruas e as pedras que dão ao “raianauta” a sensação de ter viajado no tempo, as aldeias paradas na Idade Média, criou o Bom Senhor a raça dos escritores, os que vão e contam o que veem. Ao fazerem-no, roubam-nos o que era nosso e vamos perdendo, gentes e terras de que não somos dignos porque não soubemos delas cuidar. E ao escrever sobre essas gentes e essas terras devolvem-nos com os juro acrescentados pela sua sensibilidade tudo o que ignorávamos, mas que estava lá desde sempre, há séculos à nossa espera.

Joan Didion disse que há lugares que parecem existir apenas porque alguém escreveu sobre eles. Não liguem. É ilusão. Os lugares existem mesmo que ninguém escreva sobre eles. Mas quando um escritor os põe na página parecem, de facto, nunca ter existido – porque é isso que faz o escritor, cria o que já existe. E se lá formos pelo nosso próprio pé não é de espantar que não encontremos vestígios da prosa do escritor, embora as pedras sejam as mesmas, no rio ainda naveguem barqueiros e, das ruínas de um castelo, um pintor solitário contemple a paisagem de Mogadouro.

Nota: Este texto foi apresentado por Bruno Vieira Amaral no colóquio da Mostra Espanha 2024, intitulado «Sobre Viajeros de aquí y allá / Sobre Viajantes daqui e de lá», organizado pelo Ministério da Cultura de Espanha em parceria com o Município de Palmela, através do seu Gabinete sobre a Ordem de Santiago (GEOS), e que teve lugar a 11 de outubro no Cine-Teatro S. João, em Palmela. Convidaram-se autores portugueses e espanhóis para falarem de livros de escritores-viajantes do país vizinho. A Bruno Vieira Amaral coube evocar a obra de Julio Llamazares «Trás-os-Montes: un viaje portugués», e desse desafio resultou a criação deste belíssimo texto, que o escritor nos autorizou a divulgar e a quem agradecemos.



Em agenda...

Espaço Cidadão, Palmela

EXPOSIÇÃO “À SOMBRA DO CASTELO: URBANISMO MEDIEVAL E MODERNO NA RUA DE NENHURES”

Exposição temporária que dá a conhecer os vestígios arqueológicos identificados durante as escavações na Rua de Nenhures, um dos arqueossítios mais relevantes na vila.

Entrada gratuita (visita sujeita ao horário de funcionamento da Junta de Freguesia de Palmela)

Contactos: 21 233 66 40 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Org.: Câmara Municipal de Palmela



30 e 31 de maio | 6 e 7, 20 e 21 de junho | Sessões às 21h00 e às 23h00

Castelo de Palmela

A ORDEM (2.ª EDIÇÃO)

Em 1550, após a morte de Dom Jorge, último grão-mestre da Ordem Militar de Santiago, o medalhão, símbolo da Ordem, é destruído. Desde então, um grupo de opositores e infiéis tomou o controlo do Castelo de Palmela. Para manter o poder, A ORDEM persegue e silencia os que conspiram contra si e não juram obediência total. Junta os teus amigos e ajuda a Ordem de Santiago a reconquistar o seu lugar e a acabar com o mal que assola o Castelo e a Vila, neste jogo que envolve teatro imersivo, *escape room*, enigmas e momentos de terror, inspirado em factos reais. Serás capaz de mudar o rumo da História?

Duração: 1h por sessão

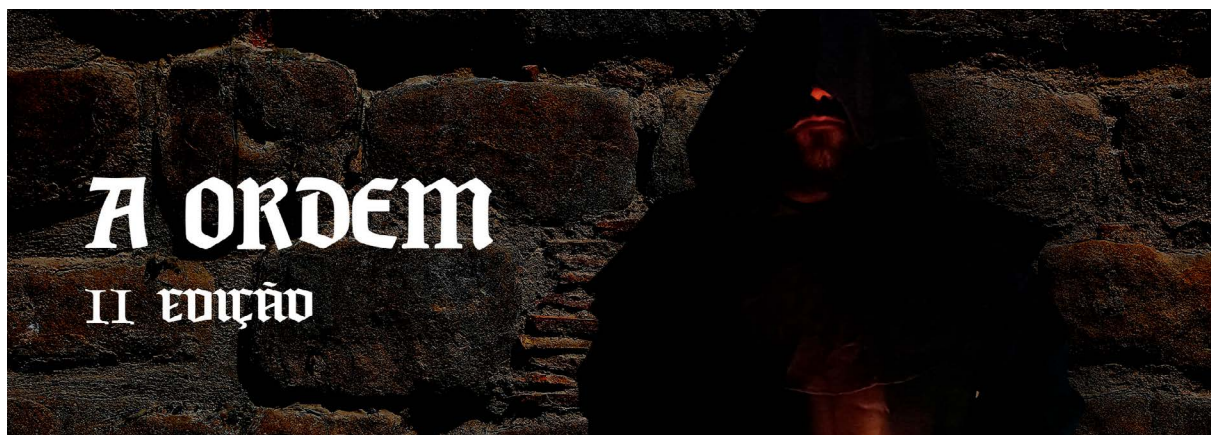
Destinatários: Maiores de 16 anos

Bilhete: 20 €, da responsabilidade da organização

Reservas: reservas@porta13.pt e <https://porta13.pt/>

Organização: Porta13

Apoio: Câmara Municipal de Palmela



Em agenda...

1 de junho | Museu - A Estação

4.º ANIVERSÁRIO DO MUSEU-A ESTAÇÃO

15h00 - Teatro de Sombras «O Pirata Sem Barba e o Gigante Adamastor» - no âmbito do Projeto «Laços de Leitura», pelo Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência | Fundação COI

Entrada gratuita

Org.: Câmara Municipal de Palmela



Cine - Teatro S. João, Palmela

5 a 8 de junho de 2025

III JORNADAS INTERNACIONAIS DE ARQUEOLOGIA - COISAS DE DELEITE E FRUIÇÃO.

ARQUEOLOGIA DOS PRAZERES

As III Jornadas Internacionais de Arqueologia reunirão um conjunto significativo de arqueólogos e investigadores de temas convergentes à arqueologia. Desenvolvem-se ao longo de 4 dias: nos três primeiros terão lugar as sessões teóricas e, no último dia, haverá lugar a uma viagem de estudo. Os subtemas das jornadas são: Expressões artísticas rupestres; O habitat: evidências de ócio, aparato e belo; Adornos pessoais; Jogar e brincar; Expressões artísticas em cerâmica; Expressões materiais de volúpia; Expressões de prazer na epigrafia; Representações de música, teatro e dança; Deleites de comer e beber; Deleites da natureza: jardins e hortas.

Destinatários: arqueólogos, historiadores, técnicos de património cultural, estudantes, público interessado na temática das jornadas.

Informações/inscrições: 212336640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Org.: Museu Municipal de Palmela - Município de Palmela

Apoios: Empresas Palimpsesto e Clay-Arqueologia



Em agenda...

VISITAS ORIENTADAS

3 de maio | 7 de junho | 5 de julho | 6 de setembro | 4 de outubro | 1 de novembro

09h30 - **Visita guiada ao Centro Histórico da Vila de Palmela**

Ponto de encontro – Chafariz de D. Maria I

11h30 - **Visita guiada ao Castelo de Palmela**

Ponto de encontro – Praça de Armas

Visitas orientadas por António Lameira, Voluntário do Museu Municipal de Palmela

Inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 21 233 6640

Limite de inscrições: mínimo 6, inscrições até às 12h00 da antevéspera do dia da visita.

Duração: 01h30 (em cada período)

Frequência gratuita

Org.: Câmara Municipal de Palmela



17 maio | 14 junho | 12 de julho | às 20h30

Castelo de Palmela, Palmela

VISITA ENCENADA AO CASTELO

Serviço Educativo do Museu e Biblioteca

A história do Castelo de Palmela contada ao anoitecer, por ilustres personagens do passado!

Duração: 02h00

Destinatários: Famílias | Público em geral

Frequência gratuita, sujeita a inscrição obrigatória (até às 12h00 da antevéspera do dia da visita).

Mínimo 15 / máximo 30

Informações/inscrições: 212336640

patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Org.: Câmara Municipal de Palmela



Museu - A Estação

24 de maio | 28 de junho | 26 de julho | 23 de agosto

27 de setembro | 25 de outubro | às 10h00

«NO MEU TEMPO...» - CONVERSAS

COM FERROVIÁRIOS

Conheça histórias de outros tempos partilhadas por antigos ferroviários.

Frequência gratuita, mediante inscrição prévia.

Informações e inscrições:

patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Org.: Câmara Municipal de Palmela



«NO MEU TEMPO...»
CONVERSAS COM FERROVIÁRIOS

março a novembro 2025



Publicações...



COSTA, Paula Pinto e LENCART, Joana (Coord. Cient.)
- Cartulário da Ordem do Templo em Portugal. Memória e Arquivo. Porto: CITCEM, 2024.

Este cartulário inclui a transcrição de mais de 600 documentos da Ordem do Templo em Portugal, datados entre 1120 e 1318.



BUGALHÃO, Jacinta; FERNANDES, Isabel Cristina; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline; GOMES, Ana Sofia; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; LIBERATO, Marco; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança dos (Eds.) - Terra, Pedras e Cacos do Garb al-Andalus, (Trabalhos de Arqueologia 57). Lisboa: Património Cultural, l. P., 2024.

Esta obra coletiva, que contou com o apoio do Município de Palmela, inclui 37 estudos de âmbito arqueológico e histórico. Resultou das jornadas internacionais com o mesmo nome, realizadas em Palmela, em janeiro de 2019, organizadas pelo Campo Arqueológico de Mértola e pelo Município de Palmela.

SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | A Reserva Museológica de Aires

3 | Salão Nobre

4 | Novos dados do sítio arqueológico da Rua de Nenhures

5 | Os dois sinos da Igreja de Santiago, do Castelo de Palmela

6 | Portugal e Espanha, pela mão do escritor Bruno Vieira Amaral

7 | Em agenda...

8 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-504 PALMELA
Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial: Teresa Sampaio
Colaboram neste número: Ana Margarida Bichinho, António Correia, Bruno Vieira Amaral, Isabel Cristina Fernandes, Miguel Correia, Teresa Sampaio, Vitor Pereira
Colaboram no Suplemento: A equipa de Serviço Educativo, sob coordenação de Rute Regula
Design: Joana Oliveira | Impressão: Regiset
Código de edição: .../2025 (xxx exemplares)
ISBN: 927-8497-27-X | Depósito legal: 196394/03